

CIDADE SELVAGEM





Técnica mista 55 x 65 cm – 2003



A Vespa avançava, rente ao passeio, não muito depressa. Maria evitava andar de carro nas pequenas deslocações que fazia diariamente.

A cidade era uma selva, cheia de condutores tresloucados e impacientes, alguns, até, mesmo desbocados que se pelavam por um lugarzinho mais à frente na fila formada a partir do semáforo seguinte. Grandes riscos e inconvenientes por causa de dois ou três metros eram conquistas, vitórias importantíssimas, já que a vida se media em tempo útil aproveitado até à exaustão.

O comedimento e a sensatez tinham passado a obsoletos. Eram coisas que até os antigos, por vezes, punham em causa... Já ninguém queria saber disso. Considerados entraves, quem ainda se arriscasse a tê-los em conta era, no mínimo, disfuncional e tonto. Ninguém tinha tempo para pensar diferente.

Não era por, na sua Vespa amarela, Maria querer avançar mais depressa que a utilizava. Nada disso! Era mais pela sensação de liberdade com que percorria as estreitas alas que ia avistando entre as filas de automóveis, cada vez mais imponentes, que invadiam a cidade diariamente.

Estava habituada a ouvir bocas, de um modo geral de um gosto duvidoso; mereciam-lhe a importância que lhes costumava dar: um interior encolher de ombros – a reacção que se dispensa aos ditos pouco espirituosos.

Mas, daquela vez, fora diferente. Ao lado dela parara alguém e ela ouvira uma voz que a interrogava: “Dais-me a honra de vos dirigir a palavra?”, perguntavam-lhe com um sotaque arrastado.

Apanhada desprevenida, Maria levantara, instintivamente, a viseira do capacete enquanto olhava para a esquerda. E o que via deixava-a boquiaberta.

A característica figura facilmente identificável de D. Quixote, montada num pouco garboso cavalo conduzido com alguma insegurança, indagava de novo: “Permitis-me que vos dirija a palavra?”

Mas o que era aquilo? Maria não conseguia articular um som!

D. Quixote continuava: “Venho a seguir-vos desde que vos vi sair de casa. Apercebi-me de semelhanças extraordinárias com a minha Dulcineia e decidi atrever-me a uma aproximação. O meu escudeiro, que pensa que eu não estou em mim, não quis acompanhar-me, portanto, não tenho quem abone em meu favor junto de vós, o que, pensando melhor, até é capaz de ser preferível. Já que não conheço aqui ninguém que interceda por mim, resolvi abordar-vos directamente.”

Maria olhava o “Cavaleiro da Triste Figura” (de facto, até o achava bem digno) montado no mirrado Rocinante que não parecia muito satisfeito.

D. Quixote continuava: “A minha Dulcineia não me sai do pensamento. Vejo-a em cada esquina, a cada passo. Quando me aproximo, porém, esvai-se como se fosse uma miragem. Ainda bem que consegui chegar perto da vossa montada e de vós. Sabei que, embora me julguem alucinado e pouco merecedor de crédito, sei muito bem o que quero. Penso que este mundo se tornou numa espécie de selva, na qual os grandes ideais se perderam. Sei que a tarefa é árdua, mas a minha determinação em restaurá-los não conhece limites. Se tivesse a minha amada Dulcineia comigo seria, porém, menos difícil a investida! Paz, justiça e amor. Luto por isto. Parece assim tão estranho? Bem vejo que vos deixo sem palavras. Talvez não me tenha feito entender com clareza. Dizem que caio frequentemente nesse erro. Enfim, gostava de vos ouvir!”

Maria, simultaneamente crente e descrente no que presenciava, não sabia o que dizer. Também não sabia o que fazer. Começava, aliás, por não saber o que pensar! Que coisa deveras incrível! Ela mesma começava a duvidar do seu próprio juízo, mas a determinação do Cavaleiro era inabalável.

“No caminho para este lugar, fará algumas semanas, tive que enfrentar gigantes que me toldavam o percurso, isto para não falar dos exércitos que, entretanto, convergiram na minha direcção. Imaginai o esforço que me foi dado fazer para chegar até aqui!”

Maria não se atrevia a contrariar tal personagem. Lembrava-se muito bem de ter lido, em tempos, um poeta interessante, de seu nome Gedeão. Escrevera este que todos tinham a sua parte de razão, falando, até, de D. Quixote e Sancho Pança: “Vê moinhos? São moinhos. Vê gigantes? São gigantes.” Era qualquer coisa deste género. “Pensando bem”, reflectiu Maria, “todos têm os seus motivos para agir assim ou assado.”

A luz verde do semáforo acendeu-se. Maria imediatamente começou a ouvir buzínadelas.

Do primeiro automobilista que a ultrapassou, ainda lhe chegou uma graçola: “Para zebra corres pouco...Estás a dormir?”

Quando olhou, de novo, para a esquerda, D. Quixote já lá não estava.

No meio da selva, isso sim, continuavam todos!

P.S.: Recomenda-se a leitura de “Impressão Digital”, de António Gedeão. A bem dizer, partilha a minha gratidão, no que a esta divagação diz respeito, com Miguel de Cervantes.

